Introdução

O mundo contemporâneo vive uma instabilidade generalizada, que se faz presente em múltiplas esferas da vida social, marcada pela dissolução de certezas, de saberes e de crenças compartilhadas. Ao lado da globalização cultural e econômica, nos deparamos, em diversos domínios, com a diluição de fronteiras, seja na área das ciências, onde disciplinas distintas tendem cada vez mais a se mesclar, seja no campo das artes e da música, em que as linguagens e tendências tornam-se híbridas. O declínio das tradições, dos rituais e das figuras de autoridade, vem acompanhado da hegemonia do discurso da ciência, da ascensão da cultura do consumo, da vida cosmopolita nos grandes centros urbanos, do multiculturalismo e dos incessantes avanços tecnológicos, o que tem efeitos inalcançáveis sobre a constituição de todo sujeito.

Talvez possamos dizer que, enquanto a sociedade em que viveu Freud sofria de um excesso de restrições, fundamentadas numa moral instituída, que, no entanto, já começava a ruir, o mundo em que vivemos caracteriza-se, diferentemente, pela fragilização das instituições sociais tradicionais, tais como o Estado, a Igreja e a Família. Assim, dissolvem-se os limites entre o permitido e o proibido, o privado e o público, o masculino e o feminino, o velho e o novo, o passado e o futuro. Diferentemente da época de Freud, este não é um mundo marcado por valores e referências estáveis, com os quais os sujeitos se deparavam para aceder ao seu desejo e a sua singularidade assumindo assim posição frente à Lei que assegura o pacto social.

A adolescência evoca, por definição, um sujeito em processo de subjetivação, processo este que se dá numa sociedade que também está em movimento. Não é possível concebê-la fora de um horizonte histórico, no interior do qual é forjada enquanto um conceito socialmente construído, do qual as ciências humanas se apropriam fornecendo-lhe suas próprias versões. A adolescência

não é um processo natural, invariável, a-histórico e a-cultural. Não podemos falar em adolescência sem levar em conta o contexto da Modernidade, marcada por uma ética individualista romântica, que prega a autenticidade e a espontaneidade na construção de um projeto de vida tal como uma obra de arte. Em tal contexto social, a singularidade e a originalidade constituem valores fundamentais: a tradição passa a ser contradizer a tradição. Dessa forma, a subjetivação torna-se um processo bastante complexo, que assume diversos contornos ao longo da vida, tornando-se particularmente problemático num momento de *passagem* da família ao *socius*. Eis aí o solo fértil para o aparecimento do sujeito adolescente, que expressa claramente os dramas de sua época, presentificando de maneira radical as questões de todo sujeito na relação com o seu desejo.

Tendo em vista sua origem social e histórica, podemos dizer que a adolescência encarna particularmente os impasses de nossa sociedade, ao mesmo tempo em nos obriga a pensar sobre ela. Por isso, desde a Modernidade, o adolescente, sozinho ou em grupo, direta ou indiretamente, coloca questões sobre o seu estatuto e sua situação, que atravessam e ultrapassam o seu caso individual. Seja através dos suplícios literários românticos, dos atos deliquentes nas grandes cidades, dos movimentos estudantis e políticos, ou ainda, das novas "tribos" urbanas, os adolescentes expressam e representam bastante fielmente o mundo em que vivem.

Mas o que é ser adolescente hoje, numa sociedade que idealiza a adolescência e faz dela objeto de identificação para diversas faixas etárias?

Levando em conta a construção social do conceito de adolescência, pretendemos fazer dele um recurso para nossos questionamentos e investigações a respeito do sujeito no mundo contemporâneo. Se a adolescência é definida social e historicamente em função da complexificação dos modos de engajamento do jovem na sociedade, tendo sido gerada sobretudo pelo advento do individualismo; em psicanálise, ela é entendida principalmente

como o conjunto de determinados processos psíquicos fundamentais na elaboração da interdição e das instâncias ideais que possam reassegurar cada sujeito de sua pertinência ao laço social. Porém o conceito de adolescência não é unívoco e imutável desde as suas origens, de forma que estudar o sujeito adolescente hoje é também estudar o mundo contemporâneo.

Nesse sentido, a pertinência de um estudo pluridisciplinar se aplica particularmente à adolescência. O sujeito é social e a adolescência nos obriga a atentar para esse fato mais do que qualquer outra situação. A adolescência é um conceito que se constrói ao mesmo tempo na cena fantasmática de um sujeito e na cena social propriamente dita, seja no interior do grupo familiar, nas instituições ou nos espaços públicos. Sendo assim, nenhum corpo teórico isolado poderá abarcar totalmente a adolescência em sua complexidade, atravessada por diversos registros, tais como o psíquico, o familiar, o social e o político. Isso, por um lado, dificulta a discussão psicanalítica sobre a adolescência, mas, por outro, pode contribuir para enriquecer nosso campo de pesquisa, na medida em que ela presentifica radicalmente em si mesma a necessidade de uma interlocução entre diversos saberes.

Em psicanálise, estudar o sujeito é também estudar o laço social no qual ele se constitui. Partindo desse pressuposto, legítimo na psicanálise desde Freud, não pretendemos, no entanto, supor *a priori* um estado de crise do laço social na contemporaneidade, mas tentamos deixar o nosso campo de investigação o mais aberto possível. Pelo contrário, nossa intenção proposital é tentar escapar a esse discurso fatalista e homogeneizante sobre todas as formas do laço social, buscando observá-lo em sua novidade e pluralidade. Portanto, tentamos buscar novas referências teóricas para poder pensar o laço social contemporâneo em sua positividade enquanto um fenômeno que se renova historicamente.

Assim, se as ciências sociais constatam atualmente uma instabilidade no laço social instituído na Modernidade, levando a suposições relativas ao "neo-tribalismo" contemporâneo

(Maffesoli, 1987), à "multidão" (Hardt & Negri, 2005) ou ao "pós-contratualismo" (Boaventura Santos, 1998) como expressões da vida social contemporânea, cabe-nos refletir sobre como esse novo contexto constitui e é constituído pelos sujeitos que nele se inserem, bem como sobre o modo como podemos pensá-lo em psicanálise. Em Freud, temos uma teoria do social ancorada principalmente na questão da interdição e da culpa, formulada a partir do modelo da neurose, que pressupõe um lugar fundamental do pai ou do ideal como instância terceira na sustentação do laço social. Trata-se de um social instituído, cujo recurso de análise fundamental é o esquema das massas artificiais proposto em 1921 (Freud, [1921]1969). Cabe a nós, portanto, pensar variações para a interpretação desse modelo, em função do novo panorama social que se apresenta.

Vale deixar claro, porém, que consideramos a pesquisa freudiana a respeito do social como mais um vetor no campo da investigação dos fenômenos psíquicos, e não como um simples estudo de psicanálise aplicada. Isso se justifica pelo fato de que o próprio Freud, através dos seus trabalhos ditos "sociológicos", tomou os eventos sociais como material fundamental para o desenvolvimento de alguns de seus conceitos, como foi o caso da teoria das identificações em 1921. Assim, supomos que a investigação a respeito do laço social contemporâneo faz parte do estudo sobre o sujeito que nele se constitui, o que é aqui analisado através da questão da adolescência como momento crucial na relação do sujeito ao *socius*. A peculiaridade e os impasses gerados por essa relação no mundo contemporâneo podem ser pensados através das "tribos urbanas", tal como são designadas essas novas socialidades nascidas numa cultura adolescente que ganha cada vez mais espaço no imaginário social.

Dito isso, dando início ao percurso proposto por este trabalho, gostaríamos de propor a seguinte questão ao leitor: de que forma a adolescência, nascida de *impasses* próprios ao mundo ocidental moderno, pode nos apontar novas *passagens* configuradas

pelos próprios adolescentes no mundo contemporâneo? No bojo dessa interrogação, podemos destacar três objetivos fundamentais que nos propomos a trabalhar nesse livro. O primeiro envolve a construção de uma argumentação teórica a respeito das relações entre o conceito de individualismo e a concepção da adolescência, destacando principalmente sua intrincação na sociedade contemporânea. O segundo consiste em fazer um recorte do campo teórico sobre a adolescência e sobre a instituição do laço social em psicanálise, problematizando as relações entre ambos principalmente através do conceito de ideal, constituído na interface entre o individual e o social. E, finalmente, o terceiro e último objetivo visa articular os dois primeiros pontos trabalhados, através de uma análise de novas formas assumidas pelo laço social engendradas nas contemporâneas "tribos" de adolescentes.

No primeiro capítulo, faremos uma análise da construção social do conceito de adolescência, partindo do pressuposto de que este conceito ancora-se na consolidação do individualismo na Modernidade, ou seja, na idéia de um indivíduo livre e relativamente independente na condução de seu projeto de vida. Apresentamos o individualismo em Dumont (1985) e Simmel (1971[1903; 1904; 1908a; 1908b; 1957]), enfatizando a constituição do conceito de individualismo como marco da Modernidade, através de sua versão iluminista e de sua versão romântica, trabalhada principalmente por Simmel (1971[1957]) com a concepção do individualismo de *uniqueness*.

Só então, no segundo capítulo, poderemos nos servir das contribuições da psicanálise sobre o que caracteriza o sujeito adolescente. Partindo de referências freudianas, a adolescência é trabalhada, em linhas gerais, como um momento de reedição do narcisismo e do Édipo, com suas devidas repercussões na esfera das identificações, que se dão diante da passagem da família ao *socius*. Nesse sentido, o trabalho psíquico da adolescência trata, fundamentalmente, de uma reelaboração das instâncias ideais, impulsionada pelo afastamento dos modelos parentais e pela

entrada no universo social mais amplo, o que nos faz voltar a pensar sobre o estado do laço social no mundo contemporâneo, dessa vez recorrendo à psicanálise.

No terceiro capítulo nos dedicamos ao estudo do laço social em psicanálise, o que nos remete diretamente ao conceito de ideal do eu, privilegiado por Freud na discussão a respeito das massas em 1921. Partindo do esquema proposto naquela ocasião, e articulando-o com os pressupostos fundamentais a respeito da origem do laço social formulados em *Totem e Tabu,* nos propomos a pensar em diferentes formações sociais. O ideal do eu é, então, problematizado em relação à função da idealização e da identificação na constituição do laço social através de possíveis figuras do laço social extraídas do mito freudiano construído em *Totem e Tabu.*

No quarto e último capítulo, vemos, enfim, de que forma podemos nos servir de uma concepção psicanalítica a respeito do laço social para discutir o seu estado atual e suas repercussões na adolescência, abrindo novas perspectivas para pensá-lo. Apontamos ainda para algumas tentativas de reinstaurá-lo sob novas bases, tendo em vista os entraves que se fazem presentes no mundo contemporâneo, entraves estes que afetam particularmente os adolescentes.

I

A construção social da adolescência

1.

O surgimento do conceito de adolescência ao longo da história

A adolescência é um conceito inventado pela cultura ocidental no final do século XIX (Ariès, 1973), herdeiro do romantismo e da Modernidade. Como situa Ariès, o surgimento da adolescência pode ser localizado no contexto do romantismo alemão, movimento cultural e literário que se dissemina fortemente pela Europa ao longo do século XX.

> *O primeiro tipo de adolescência moderna é o Siegfried de Wagner: a música de Siegfried exprime pela primeira vez o misto de pureza (provisória), de força física, de naturalidade, de espontaneidade, de alegria de viver, que vai fazer do adolescente o herói do nosso século XX, século da adolescência. O que apareceu na Alemanha wagneriana, penetrou sem dúvida mais tarde na França, em torno do anos 1900. A "juventude", que é agora adolescência, irá tornar-se um tema literário, e uma preocupação de moralista ou de político. (Ariès, 1973: 49)*

O conceito de adolescência, enquanto designativo de um período particular da vida de um indivíduo, situado entre a infância e a idade adulta, é recente e seu sentido atual só foi definitivamente consolidado no século XX (Ariès, 1973; Reymond, 2000). Segundo o dicionário etimológico Larousse (Pechon, 1964), o termo *adolescência* vem do latim *adulescens* ou *adolescens,* particípio passado do verbo *adolescere,* que significa crescer. Consta que, no francês antigo, a designação *adolescent*, masculino, é encontrada pela primeira vez no século XIII, enquanto a palavra do gênero feminino, *adolescente,* só aparece no século XV. Há, portanto, uma decalagem entre o termo no masculino e o seu correspondente no feminino, o que talvez possa ser explicado pelo fato de que, desde